

Os infames entre o delito e o pecado: os neofolhetinistas e suas representações moralistas do submundo



Andrés Vergara Aguirre

*Doutor em História pela Universidad
Nacional de Colombia
Professor da Universidade de Antioquia e diretor
da graduação em Letras: Filologia Hispânica
E-mail: avergaraeditor@gmail.com*

Resumo: José Antonio Osorio Lizarazo e Ximénez foram dois neofolhetinistas destacados da imprensa de Bogotá entre as décadas de 1920 e 1940. Suas crônicas também estiveram muito marcadas por sua formação em colégios católicos, o que fica evidente nas representações do submundo da cidade, onde tendem a confundir delito e pecado em relações maniqueístas dicotômicas: bons e maus, Deus e Demônio, céu e inferno, santos e pecadores. Aqui propomos uma leitura hermenêutica dessas representações, relacionadas com a formação religiosa dos repórteres. **Palavras-chave:** Comunicação, a compreensão como método, neofolhetinista, crônica, cristianismo.

Los infames entre el delito y el pecado: los neofolletinistas y sus representaciones moralistas de los bajos fondos

Resumen: José Antonio Osorio Lizarazo y Ximénez fueron dos neofolletinistas destacados de la prensa de Bogotá entre las décadas de 1920 y 1940. Sus crónicas también estuvieron muy marcadas por su formación en colegios católicos, y ello se hace evidente en las representaciones sobre los bajos fondos de la ciudad, en las que tienden a confundir delito y pecado, en unas relaciones maniqueas dicotómicas: buenos y malos, Dios y Demonio, cielo e inferno, santos y pecadores. Aquí se propone una lectura hermenéutica de esas representaciones, relacionadas con la formación religiosa de los reporteros.

Palabras clave: Comunicación, la comprensión como método, neofolletinista, crónica, cristianismo.

Infamous people between crime and sin: the new feuilletonists and their moralist portrayals of the underworld

Abstract: José Antonio Osorio Lizarazo and Ximénez were two acknowledged new feuilletonists of Bogotan press between the 1920s and 1940s. Their sketches show the deep scar of their years in catholic schools, something that becomes evident in their portrayals of the city's underworld, where they tend to mix up crime and sin in dichotomic manichean relations: good and bad, God and Devil, heaven and hell, saints and sinners. We propose a hermeneutical reading of such portrayals in relation to the reporters' religious background.

Keywords: Communication, comprehension as a method, new feuilletonist, sketch, christianism.

José Antonio Osorio Lizarazo (1900-1964) e José Joaquín Jiménez (1911-1946) – doravante Ximénez, o pseudônimo com o qual se fez famoso – foram destacados neofolhetinistas, como denominei em minha pesquisa (Vergara, 2014). Ambos os cronistas colombianos, no início do século xx, empregaram técnicas usadas pela imprensa folhetinesca do século xix para escrever relatos que cativassem mais seus leitores.

A literatura teve uma presença muito importante na produção jornalística de Osorio Lizarazo e de Ximénez, e também a música no caso do segundo. Além disso, as crônicas de ambos foram bastante marcadas por sua formação em colégios católicos, o que se faz evidente nas representações sobre os submundos bogotanos presentes em seus relatos. O maniqueísmo que pode ser percebido neles, em grande parte, pode provir dessa visão religiosa que tende a representações dicotômicas: bons e maus, Deus e o Demônio, céu e inferno, santos e pecadores...

Quanto incide essa formação cristã no modo como esses cronistas representam o submundo bogotano? Sob uma perspectiva cristã, que sentido adquirem alguns dos

elementos religiosos que usam em suas representações? Dedicam-se a essas perguntas as páginas seguintes, com a convicção de que, no fim das contas, como diz Northrop Frye (1988, p. 28), “a Bíblia parece estar muito mais próxima ao campo da poética que ao campo científico”.

Nesta análise emprego a dicotomia distintos-infames para referir-me a dois tipos de personagens representados na imprensa. Os termos foram usados pelos próprios neofolhetinistas. Distintos são personagens dignos de respeito e consideração pelo lugar que

A crueldade e vilania do presídio poderiam estar relacionadas mais à ausência de orações e de capela do que às condições de sujeira e miséria da prisão

ocupam na sociedade, enquanto os infames são pessoas sem prestígio que, inclusive, são difamadas nos próprios relatos. Esta análise toma como base um *corpus* de 130 crônicas de Ximénez e 109 de Osorio Lizarazo. Fez-se uso do software Atlas.ti para encontrar os termos relacionados com a religiosidade examinados nas páginas a seguir.

A análise das relações entre o delito e o pecado nos relatos dos dois cronistas assume como foco a compreensão como método. Trata-se, em essência, de uma leitura interpretativa, tendo em conta que, como foi sintetizado por Londoño e Castañeda (2010, p. 243), ao reconhecer a dimensão hermenêutica das ciências humanas, aceitamos que, nelas, “os dados são determinados à luz de uma interpretação teórica, e os fatos por si próprios têm de ser reconstruídos à luz de dita interpretação”. Da mesma forma, eles destacam, sob essa perspectiva, que o essencial, na pesquisa, é “compreender os significados e as intenções”.

Infames no purgatório

Além da paixão pelo jornalismo e a literatura, outro dos elementos comuns entre Osorio Lizarazo e Ximénez é sua formação cristã, pois ambos frequentaram colégios católicos. Osorio Lizarazo estudou no Colégio Nacional de São Bartolomeu, onde concluiu o ensino médio em 1916, enquanto Ximénez estudou até o quinto ano do ensino fundamental no Colégio Salesiano Leão XIII, e dois anos mais do ensino fundamental no Colégio Maior de São Bartolomeu, onde foi bolsista. Mas afastou-se no sétimo ano, não tanto por causa da pobreza e pelo fato de ter se tornado órfão – seu pai morreu quando era ainda criança –, e, sim, pela sede de aventuras, influenciado por um livro que então tinha lido, *A volta ao mundo por dois garotos* (La Vaulx y Galopin, 1957).¹ Segundo ele diria anos depois, a leitura dessa novela o inspirou a abandonar sua casa e a rodar pelo país quando tinha apenas 13 anos (Ximénez, 1939c, p. 6).

Osorio Lizarazo também se sentiu muito cedo atraído pela aventura. Quando concluiu o ensino médio, aos 16 anos, empreendeu uma andança pelo país que o levou às minas de ouro do Velho Caldas.² Algumas de suas experiências seriam relatadas muito depois em seu romance *El hombre bajo la tierra* (Osorio Lizarazo, 1944). Como resultado dessas aventuras, ganhou também uma profunda cicatriz, resultado de um golpe de facção que recebeu em uma perna durante uma briga de botequim.

Os dois cronistas evocariam algumas lembranças dessas experiências em seus relatos, como prova de que esse tempo marcou suas vidas. Vidas que foram marcadas também,

¹ *A volta ao mundo por dois garotos*, de Henri de la Vaulx e Arnould Galopin (1957), é uma novela de folhetim publicada em fascículos em 1909. Seus protagonistas são dois meninos vagabundos que são levados a fazer grandes aventuras.

² O Velho Caldas ou Eixo Cafeeiro é uma região geográfica da Colômbia que inclui os departamentos de Caldas, Risaralda e Quindío, no oeste do país, em zona montanhosa. As capitais desses departamentos são Manizales, Pereira e Armenia. A região é chamada de eixo cafeeiro por concentrar a maior parte de produção cafeeira do país. (N.E.)

com certeza, pela educação em colégios cristãos. Isso se deixa ver nas diversas alusões que fazem a livros religiosos e em certas concepções místicas que podem ser percebidas em seus relatos.

Em “Uma visita ao pátio das mulheres”, por exemplo, Ximénez nos deixa uma epígrafe tomada de um dos livros de devoção cristã mais conhecidos, a *Imitação de Cristo*:

Outras vezes, ao contrário, é preciso usar de violência e combater varonilmente os apetites dos sentidos sem atender ao que a carne quer ou não quer, mas trabalhando por sujeitá-la ao espírito, ainda que se revolte.

Cumpra castigá-la e curvá-la à sujeição, a tal ponto que esteja disposta a tudo, sabendo contentar-se com pouco e deleitar-se com a simplicidade, sem resmungar por qualquer incômodo (Ximénez, 1946d, p. 198).³

Qual é a mensagem que pretendia deixar o autor com essa epígrafe? A leitura da crônica nos permite concluir que, a partir de uma visão religiosa, o autor propõe que as mulheres confinadas naquela prisão, com carências de toda índole, mais do que purgar seus delitos estão purgando seus pecados para conseguir a purificação.

É o caso de uma presa, por exemplo, que vive o tempo todo isolada das demais e no mais completo mutismo: “Alguém informa que a anciã cometeu um pecado atroz. Destruíu com seu crime o mais santo, o mais sábio e elevado sentimento da humanidade. E o pecado se mostra em seu rosto, tornando-a repulsiva e odiável. Essa é a penitência dela” (Ximénez, 1946d, p. 202).

Qual foi o delito cometido pela mulher? O narrador não o menciona. A julgar pelos adjetivos que usa, porém, pode-se inferir que se trata de filicídio: ela teria matado o próprio filho. Para além do crime, o que

importa, aqui, é a concepção moralista: o narrador conclui que o pecado cometido transparece no rosto da mulher e a torna repulsiva, inclusive para as outras detentas, as quais evitam se aproximar dela.

Na crônica também é mencionada a luxúria que se apodera daquelas mulheres quando um homem visita a prisão: “Arrumam-se os cabelos emaranhados e, desavergonhadas, rebolam provocativamente. A senhora guardiã faz com que elas deem ouvidos à razão” (p. 203). Ora, parece confirmar-se a ideia de que, ali, essas mulheres encontram-se em um processo de purificação do espírito, ao que faz alusão a epígrafe quando convida a ter força de vontade para que a carne “esteja sujeita ao espírito, ainda que se revolte”.

Mesmo que no final se diga que “é cruel, é desumano, é vil tê-las ali, naquela estrebaria dividida em celas de dois metros”, e que “não há ateliês, nem orações, nem capela”, na verdade, a mensagem subjacente, sobre a purificação das reclusas, parece que se sobrepõe a qualquer outro sentido (p. 204). Inclusive, no último trecho citado, a crueldade e vilania do presídio poderiam estar relacionadas mais à ausência de orações e de uma capela do que às condições de sujeira e miséria da prisão.

Em outro relato, também sobre um presidiário, Ximénez usa outra epígrafe tomada de Kempis: “Quem é bom encontra muitos motivos para padecer e chorar, porque, tanto quando olha para si como quando pensa no próximo, sabe que ninguém vive aqui sem tribulações” (Ximénez 1956c, p. 191).⁴ Apesar de o texto todo consistir na declaração de um preso, a mensagem parece aludir à prisão em geral. Inclusive, apela-se ao sentimento cristão dos leitores, para que se compadeçam dos seus “próximos”, que são vítimas de tantas tribulações quanto as que são relatadas pelo condenado da cela 17 – e esses aspectos também influem no viés melodramático do cronista.

⁴ A epígrafe, também sem nenhuma referência, é outra citação da *Imitação de Cristo* (Kempis, 1939).

³ A epígrafe, publicada sem nenhuma referência no começo da crônica, é uma citação tomada da *Imitação de Cristo*, de Tomas de Kempis (Alemanha, 1380-1471), um livro dedicado à devoção dos cristãos, escrito especialmente para a formação dos monges.

Quanto aos registros relacionados ao aspecto religioso, nas crônicas de Ximénez há uma frequência significativamente maior de cada um deles, na maioria dos casos, mesmo tendo-se em conta o fato de que a amostra de Ximénez é composta por 130 relatos, enquanto a de Osorio Lizarazo soma 109. No entanto, em alguns casos, a diferença numérica ultrapassa essa proporção, como é o caso de “igreja” (templo ou capela), que no primeiro aparece 127 vezes, enquanto no segundo não passa de 45; ou também de “torre” (de igreja), com uma frequência de 76 e 2, respectivamente. Também há uma diferença clara nos registros de “Deus”, com 75 e 24, mantida a mesma ordem. Como podemos ver, a tendência é a de se ter uma maior presença de registros alusivos ao religioso em Ximénez. Isso também nos lembra uma diferença importante entre os dois cronistas, que se deixa perceber em diferentes casos: Osorio Lizarazo se mostra mais liberal que Ximénez.

Contrariamente a essa tendência, o “diabo” tem 24 registros em Osorio Lizarazo e somente 9 em Ximénez. Isso está relacionado à inclinação do primeiro a escrever relatos com certo tom misterioso, sendo que em alguns desses relatos o mal se impõe de modo radical. Tanto é que, em uma de suas crônicas, vemos que nos cortiços a miséria “reina como um monstruoso deus mitológico”, contrário ao deus sempre bondoso em Ximénez (Osorio, 1926b, p. 125).

Chama também a atenção a frequência dos “pecados” em Ximénez, que aparecem com 70 registros, enquanto em Osorio Lizarazo alcançam apenas 12 vezes. Isso se deve, em parte, a uma atitude não tanto moralista, mas lúdica, no modo como Ximénez representa o pecado. Já em Osorio Lizarazo, a relação parece de caráter muito mais transcendental, até mesmo trágica, não só no que se refere ao pecado, mas ao religioso e espiritual em geral.

Essas diferenças são a resposta ao contraste entre os dois autores e suas formas de ler os submundos bogotanos, a partir do modo de cada um conceber o mundo: enquanto

Osorio Lizarazo se inclina a avançar por uma vertente transcendental e fatalista, tendendo a um desenlace trágico, Ximénez parece disposto a descobrir em tudo, mesmo no mais sórdido ou trágico, o lado cômico, divertido. Em outras palavras, ele sempre procura encontrar “rotas de fuga” – para usar uma expressão muito frequente em seus textos – frente às situações mais adversas. Precisamente essa tendência de retirar o transcendental dos acontecimentos para apresentar seu lado cômico ou, pelo menos, um aspecto divertido, faz parte do seu estilo peculiar, que seus colegas contemporâneos chamaram de “ximenidade”. No entanto, apesar dessas diferenças marcantes, os relatos dos dois cronistas coincidem no melodramático.

Delinquentes e pecadores

Os santos e os pecadores também aparecem nos dois autores com alguma regularidade. No caso de Ximénez, é mais abundante a alusão aos pecados que à santidade, e o contrário acontece em Osorio Lizarazo. Neste, os 21 registros de “santo” fazem menção a festas religiosas e a algumas figuras sagradas; no caso do “pecado”, destaca-se a crônica “Onde se recolhem sem distinção os filhos da miséria e do pecado”, na qual quatro vezes aparece a expressão “filhos do pecado” (Osorio Lizarazo, 1926a, p. 16). No relato percebe-se uma crítica moralista implícita, na alusão insistente à promiscuidade entre os “filhos da miséria” e os “filhos do pecado”, e isso também se evidencia na caracterização de cada um dos grupos:

Os filhos da miséria são, com frequência, levados a esses lugares por suas mães, camponesas humildes, nas quais o amor maternal se manifesta com selvagem força, mas é vencido pela miséria, pelas necessidades urgentes da luta pela vida. Os filhos do pecado encontram-se, quase sempre, abandonados porque o vício endureceu o coração de suas mães, afogando nelas os melhores sentimentos (p. 16).

E, assim, os “filhos da miséria” chegam ao hospício de mãos dadas com suas amorosas mães, vítimas da pobreza, enquanto os “filhos do pecado” são abandonados por mulheres indolentes entregues aos vícios, quer dizer, pelas prostitutas, que nunca são mencionadas como tais no relato.

No caso de Ximénez, dos 46 registros de “santo”, a maioria diz respeito a figuras religiosas e a templos da cidade, sem que nenhum deles se destaque por um sentido particular, enquanto muitos dos 71 registros de “pecado” também aludem aos filhos do pecado, coincidindo desse modo com a acepção que encontramos em Osorio Lizarazo. Dos meninos mendigos em Bogotá, por exemplo, ele diz que “suas vidas floresceram como cardos de amargura em jardins de pecado, que lhes legaram, assim que nasceram, uma afronta. [...] Desamparo, horrível desamparo, miserável abandono, auspiciaram seus dias” (Ximénez, 1946b, p. 109).

Outro exemplo parecido está relacionado com um bebê nascido na prisão: “O que faz aqui essa mulher com um menino de dois meses nos braços? O que faz essa criaturinha de Deus, esse inocente produto do pecado, no pátio do presídio das mulheres de Tunja?” (Ximénez, 1946d, p. 201). Neste caso, o “pecado” não alude à prostituição, e sim ao homicídio, uma vez que a mãe assassinou o pai da criança.

E por falar desse exemplo, outra das acepções mais comuns do “pecado” em Ximénez é o delito: assim, os personagens dos seus relatos não só violam normas jurídicas, mas também as leis de Deus, ou seja, os mandamentos. Como no caso da mulher que assassinou seu filho, antes mencionado: “Alguém informa que a anciã cometeu um pecado atroz. Destruiu com seu crime o mais santo, o mais sábio e elevado sentimento da humanidade. E o pecado se mostra em seu rosto, tornando-a repulsiva e odiável” (p. 202).

Os dois casos anteriores, sobre o maritícidio e o filicídio, estão na mesma crônica sobre a visita à prisão de mulheres de Tunja.

Nesse relato se percebe a intenção de exagerar as características das criminosas, como se o delito, nas mulheres, fosse muito mais grave e muito mais pecaminoso que nos homens. Isso é confirmado pelo narrador quando indica:



Outra das acepções mais comuns do “pecado” é o delito: os personagens não só violam normas jurídicas, mas também as leis de Deus, os mandamentos

Sim, a contemplação da depravação absoluta dos homens infunde no ânimo um sentimento de lástima repulsiva; a perspectiva que as presidiárias oferecem, amontoadas em pequenos grupos, hediondas, sujas, desalinhas, horríveis, não se pode traduzir em palavras. Somente com o fluxo de uma humidade dissolvente que embaça as pupilas, somente com o grito impossível de se conter na garganta, com uma exclamação feroz de impropérios que produzisse no peito a tempestade de soluços afogados, se poderia explicar, humanamente, esta profunda, esta destruidora sensação que prende com suas garras a quem chega até este lugar (p. 199).

Em outras palavras, enquanto a prisão de homens gera lástima, a de mulheres gera pavor. Indubitavelmente, o peso moral com que o cronista carrega os relatos sobre os delitos das mulheres é muito maior que o que se lê no caso de homens criminosos.

O registro seguinte de “pecado” também é encontrado no contexto da prisão de Tunja, mas neste caso trata-se da prisão de homens. O delinquente que supostamente faz uma declaração nos diz que, durante as noites, entre outras coisas, ouve “o estalo dos sete pecados, que trabalham espantosamente nesse recinto, e que tudo isso entra na cabeça

e forma uma harmonia estragada” (Ximénez, 1946c, p. 195). Neste caso, tudo leva a crer que se trata do pecado da luxúria.

Em outra crônica encontramos Ernesto Ríos “El Palillo”, considerado um dos mais perigosos bandidos da cidade, condenado a 11 anos de cadeia. O delinquente mostra-se arrependido e disposto a se regenerar:

Apegado à visão católica tradicional, vê na labuta cotidiana dos pobres a abnegação própria do mártir, do cristão sacrificado, do ‘pobre bem-aventurado’



Entendo agora que no crime não está a alegria; que no **pecado** não existe o amor; que no vício não se encontra a tranquilidade e que, sem tranquilidade, a existência vira uma tortura contínua. Quero me transformar. Tenho toda a capacidade para fazer isso, porque, precisamente, como tenho vivido no vício e praticado fartamente o **pecado**, sei sentir o sabor das coisas boas, melhor, muito melhor que aqueles que não praticaram o **pecado** e que têm sido habitualmente bons e honestos (Ximénez, 1939a, p. 2. Grifos nossos).

Mostra-se evidente a insistência no tema do pecado. Ainda que supostamente o trecho faça parte de uma fala de Ernesto Ríos, o estilo e o tom indicam que o texto é composição do cronista. Além disso repete-se uma tendência recorrente em Ximénez, já mencionada antes: em sua obra se associam mais os delitos e os vícios com o pecado que com as leis penais. Neste caso, um delinquente consumado afirma que “no pecado não existe amor”, numa clara alusão ao sexo de aluguel – isso parece evidente no contexto da crônica, em que se conta que o personagem vai se casar em breve.

No entanto, os outros dois registros também aludem a delitos, como se pode ler no contexto. Tal semântica pode ser confirmada em outro relato, no qual o delinquente se queixa pela prisão de seu pai e de sua família quando tentaram defendê-lo da polícia: “É uma família honrada, e fazem com que ela pague pelos meus pecados” (Ximénez, 1939b, p. 19). Esse mesmo sentido é dado ao termo por outro réu, “el Patón” Rafael Vélez, quando insiste em sua inocência: “Quando eu for pego no mais leve pecado, na mais elementar infração, na mais venial contravenção policial, que seja mandado às colônias pela vida toda” (Ximénez, 1941, p. 2).

Outro aspecto que chama a atenção é a relação entre pecado e miséria. Em Osorio Lizarazo, todos os registros estão associados aos submundos da cidade, enquanto em Ximénez, dos 70 registros, apenas um tem relação explícita com a cidade dos distintos, em uma cena imaginária da Santa Fe colonial. Isso se deve a que o pecado está associado à prostituição, à delinquência e à miséria – ou seja, aos infames – nos dois autores, embora muito mais notório em Ximénez.

Em um de seus relatos vemos, por exemplo, como esse lugar de pobreza e delinquência – na ocasião, o Paseo Bolívar – é definido por ele como “um cinto de pecados que circunda a cintura da jovem vila” (Ximénez, 1946e, p. 136). Como mostra a imagem, o lugar vira um cinto, ou cinturão que envolve e enfeia a cidade, representada aqui como uma mocinha. Neste caso, esse “cinto de pecado” aparece como o equivalente a “cinto de miséria”, tão em voga nos últimos anos nos informes jornalísticos e também nos estudos sociais.

Em outro relato encontramos que, enquanto a cidade dorme, “se encaixam, no subúrbio, nos bairros e ruelas das pessoas pobres, vários pontos de pecados. [...] Nesses pontos, as tabernas, as casas de prazer e os botecos, encontra-se feliz o que se chama de quadrilha” (Ximénez, 1946a, p. 14). Neste trecho, vemos como nessas “pontos de pecado” se fundem pobreza, delinquência e prostituição.

No posto policial também encontramos uma mistura similar: “Ali se respira um ambiente hostil de pecado e de vício. O bafo de chicha⁵ embaça a atmosfera fria do cimento. O cheiro de sangue vivo se desprende dos corpos feridos” (Ximénez, 1934a, p. 3). Neste caso, os elementos constitutivos dessa atmosfera de pecado e de vício são o cheiro de chicha e de sangue: quer dizer, alcoolismo e violência.

O bairro do Egípto, outro dos cenários habituais para quem escreve a crônica policial, também é descrito pelo autor como uma confluência de miséria, alcoolismo e pecados: “Não é possível captar o sabor do Egípto sem entrar em suas muitas tabernas, recintos de vício e de pecados, tugúrios onde se distribui a melhor chicha da cidade” (Ximénez, 1934b, p. 3). Fica claro que, para o repórter, os lugares habitados pelos miseráveis da cidade são naturais para os pecados e os delitos, e que estes últimos, segundo sua semântica, também são pecados.

Apesar de Osorio Lizarazo, assim como Ximénez, também ter estudado em um colégio comandado por religiosos, sua visão de sociedade seria logo influenciada pelos ideais dos movimentos de esquerda na Colômbia e por escritores aliados às revoluções na Europa, como Maxim Gorki, um dos romancistas famosos da revolução russa. Nesse contexto, parece lógico que, enquanto um cronista como Ximénez, apegado à visão católica tradicional, vê na labuta cotidiana dos pobres a abnegação própria do mártir, do cristão sacrificado, do “pobre bem-aventurado” que se consagra à luta pela salvação da própria alma, Osorio Lizarazo, marcado por esses ideais revolucionários, vê nessa mesma labuta dos pobres a encarnação da tirania e da desigualdade. Mesmo que em seus relatos também se encontrem vestígios de sua formação católica, Osorio Lizarazo tende a uma visão crítica, que o leva a mostrar que as situações de pobreza extrema em que vivem

tantos habitantes da cidade são produto, não dos desígnios de Deus, mas da ausência de equidade. Em seus relatos não há lugar para essa visão, síntese de castidade, humildade, submissão e eterna labuta...

Também se pode observar que em muitas das crônicas de Ximenes – como nas de Osorio Lizarazo – o interesse estético está acima dos fatos narrados, e da veracidade também, como vimos em outros casos. Uma parte da sua busca estética, em algumas das crônicas, consiste em propor um universo fechado, coerente do começo ao fim, sem mostrar preocupação com o sacrifício que tenha que fazer da veracidade, para não falar de objetividade, que dadas as circunstâncias não faria sentido algum. Em um relato sobre as olarias, para que não ficassem dúvidas de seu interesse na paródia bíblica, o repórter conclui com a seguinte sentença: “No começo foi o barro. No fim só será o barro... Uma vez que somos pó...” (Ximénez, 1942, p. 11).

Da análise anterior podemos concluir que, no caso de Osorio Lizarazo, os elementos tomados do âmbito religioso para suas representações da cidade dos infames tendem a estar relacionados com a idiosincrasia particular do autor, que é carregada de pessimismo e de uma visão trágica. Portanto, em seus relatos, a alusão a Deus aparece também em contextos de súplica e de desgraças acontecidas aos personagens por vontade divina, assim como em outros espaços alheios a atitudes propriamente religiosas. Do mesmo modo, o diabo aparece com frequência em relatos relacionados a bruxaria e espiritismo, apesar de a maioria dos registros estar relacionada com os mais miseráveis da cidade.

No caso de Ximénez, quase todos os registros de “diabo” estão relacionados com histórias de pessoas miseráveis e de delinquentes, enquanto “Deus” aparece em um contexto favorável, de fé, esperança e harmonia, ainda que se trate de histórias de pessoas miseráveis. Em tais casos, os personagens mostram fé no “bom Deus”, no “senhor Deus”, e como exemplo podemos evocar a

⁵ Bebida alcoólica derivada da fermentação não destilada de milho. Também pode ser produzida de outros cereais e, inclusive, de diferentes frutos. (N.E.)

história da clínica São Rafael, da comunidade São João de Deus, que continua sendo construída. Segundo o narrador, “cada tijolo que se coloca, cada muro que se ergue, é um milagre de afinho, de perseverança, de fé em Deus e de confiança na caridade dos homens” (Ximénez, 1940, p. 4).

Apesar de os dois cronistas terem feito a experiência de uma educação religiosa

em colégios católicos, no caso de Osorio Lizarazo, os elementos explicitamente religiosos, usados em suas crônicas sobre a Bogotá dos infames, contribuem, sobretudo, para a construção de uma atmosfera sombria e de um tom pessimista, enquanto elementos similares nos relatos de Ximénez tendem a desenhar uma atmosfera otimista, semeada de fé e de esperança cristãs.

(artigo recebido mai.2016/aprovado set.2016)

Referências

- FRYE, N. **El gran código**. Barcelona: Gedisa, 1988.
- JIMÉNEZ, J. J. [Ximénez]. El permanente de la policía. **El Tiempo**, p. 3, 12 mar. 1934a.
- JIMÉNEZ, J. J. Relato del barrio de Egipto. **El Tiempo**, p. 3, 23 abr. 1934b.
- JIMÉNEZ, J. J. Ernesto Ríos. «El Palillo», se casará en la cárcel Modelo. **El Tiempo**, p. 2, 27 nov. 1939a.
- JIMÉNEZ, J. J. Manual del perfecto ladrón. Imaginación, arrojo y vergüenza han sido las normas de «El Palillo». **El Tiempo**, p. 1, 19, 15 ago., 1939b.
- JIMÉNEZ, J. J. Intimidades de un reportero. **PAN**, n.34, p. 2-7, 1939c.
- JIMÉNEZ, J. J. Un milagro diario se obra en el hogar-clínica de San Rafael. **El Tiempo**, p. 4, 13, 15 fev. 1940.
- JIMÉNEZ, J. J. Vida y tragedia del Patón Rafael Vélez. **El Tiempo**, p. 2, 22 jan. 1941.
- JIMÉNEZ, J. J. Breve noticia sobre los tejares. **Vida**, n. 45, p. 10-11, jul./ago. 1942.
- JIMÉNEZ, J. J. Rateros, maleantes, atracadores, mujerzuelas, tahúres y asesinos. In: **Crónicas**. Bogotá: Biblioteca Popular de Cultura Colombiana, 1946a, p. 13-21.
- JIMÉNEZ, J. J. La pavorosa tragedia de la mendicidad infantil. In: **Crónicas**. Bogotá: Biblioteca Popular de Cultura Colombiana, 1946b, p. 108-115.
- JIMÉNEZ, J. J. Cómo vive el penado de la celda número 17. In: **Crónicas**. Bogotá: Biblioteca Popular de Cultura Colombiana, 1946c, p. 191-197.
- JIMÉNEZ, J. J. Una visita al patio de mujeres. In: **Crónicas**. Bogotá: Biblioteca Popular de Cultura Colombiana, 1946d, p. 198-204.
- JIMÉNEZ, J. J. ¡Ay mi amo lindo, que estamos de promesa!. In: **Crónicas**. Bogotá: Biblioteca Popular de Cultura Colombiana, 1946e, p. 136-142.
- KEMPIS, Tomas de. **Imitación de Cristo**. Argentina: Tor, 1939.
- LA VAULX, H.; GALOPIN, Arnould. **La vuelta al mundo de dos pilletes**. Barcelona: Bruguera, 1957.
- LONDOÑO VÁSQUEZ, D.; CASTAÑEDA, L. S. La comprensión como método en las ciencias sociales. **Revista Virtual Universidad Católica del Norte**, n. 31, p. 227-252, set./dez 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=194214587010>>. Acesso em: 12 nov. 2015.
- OSORIO LIZARAZO, J. A. 1926a. Donde se recogen sin distinción los hijos de la miseria y los del pecado. **Mundo al Día**, p. 16-17, 31 jul. 1926.
- OSORIO LIZARAZO, J. A. 1926B. Mansiones de pobreza. In: **La cara de la miseria**. Bogotá: ediciones Colombia, p. 119-130.
- OSORIO LIZARAZO, J. A. 1926B. Mansiones de pobreza. In: **La cara de la miseria**. Bogotá: ediciones Colombia, p. 119-130.
- VERGARA AGUIRRE, A. **Historia del arrabal**: los bajos fondos bogotanos en los cronistas Ximénez y Osorio Lizarazo, 1924-1946. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2014.